

DE CANELAS NEGRAS A PROMESSAS DE CAMPEÕES: O FUTEBOL DE VÁRZEA NA SÃO PAULO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

FROM SKINNY CHINS TO PROMISING CHAMPIONS: LOWLAND SOCCER IN SÃO PAULO IN THE EARLY 20TH CENTURY

Diana Mendes Machado da Silva

RESUMO: Em 1928, foi fundada a Associação Atlética Anhanguera, um clube de futebol de várzea ainda hoje em atividade na cidade de São Paulo. A partir de documentos da associação – atas e depoimentos de associados veteranos –, fontes de imprensa e dados relativos à imigração e urbanização da cidade, o presente artigo procura delinear as bases da prática esportiva e social da comunidade italo-brasileira responsável pela organização e estabelecimento do clube. Com foco no período que compreende a fundação da associação, 1928 e o final da década de 1930, busca-se caracterizar uma sociabilidade que combinava laços familiares, vida comunitária e solidariedade. Longe de ser exclusividade da Associação Atlética Anhanguera, esse modo de vivenciar o esporte conferiu singularidade aos clubes populares e ao futebol varzeano, traduzida em imagens de um futebol livre e cheio de talentos durante a formação do campo esportivo na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de várzea; Barra Funda; imigração italiana; amadorismo; associativismo.

ABSTRACT: *This article features topics of a MD research: Anhanguera Athletic Association and the floodplain (várzea) soccer in São Paulo 1928-1958. Based upon documents of the association – proceedings of meetings and veterans interviews and statements – press sources and data on immigration and urbanization of the city, the research focused the way the Italian- Brazilians experienced the practice of soccer on the floodplains of Barra Funda, a district of São Paulo City. The article explores the foundations and the establishment of sportive practices of this particular immigrant community. Focusing on the period that comprises the foundation of the club in 1928 and the late 1930, the research outlines a type of sociability which linked family ties, solidarity and community life. This form of experiencing soccer which characterized Anhanguera is far from being exclusive; quite on the opposite, it seems a common trace to popular floodplain clubs to which the image of a free and talented style of soccer playing is associated throughout the development of sports in the city.*

KEYWORDS: Floodplain (várzea) soccer; São Paulo city life; italian immigration; amateurism; associativism.

O FUTEBOL CHEGA A SÃO PAULO: ENTRE CANELAS NEGRAS E SPORTMEN

Das novidades que chegaram a São Paulo nos primeiros anos do século XX, talvez apenas o teatro musicado e o cinema tenham recebido adesão equivalente à que recebeu o futebol. Nacionais e imigrantes, brancos e negros organizaram asso-

ciações esportivas e dedicaram parte de seu tempo a praticá-lo. Pelo estrato social mais abastado da cidade deu-se, em 1900, a fundação do Clube Atlético Paulistano ligado à comunidade de cafeicultores. No estrato dos mais pobres, por sua vez, o União Futebol Clube apresentava, já em 1901, Formiga e Simão, “um mulato e um negro que formaram uma dupla de ataque muito conhecida” (SANTOS NETO, 2002, p. 53). Segundo a Liga Paulista de Futebol, existiam, em 1914, aproximadamente 2 mil clubes praticantes de futebol no estado de São Paulo (NEGREIROS, 1992, p. 51). E em 1925, “o jornal *O Estado de São Paulo* anunciava em um domingo 47 jogos envolvendo 94 clubes, 188 times e 1.068 jogadores” na capital (NEGREIROS, 1992, p. 51). Esses números revelam que o processo de apropriação do futebol extrapolou barreiras socioculturais e se deu de maneira concomitante entre os diferentes grupos que compunham a cidade, contrariando “uma certa visão oficial [que] privilegiou as elites como protagonistas da história brasileira e apegou-se à ficção da concessão de direitos promovida pelos setores dominantes” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 61).

De caráter urbano e *vocação* não exclusivista, o futebol foi vivido por diversos setores sociais como um empreendimento coletivo marcado pelo entusiasmo e pelo engajamento. Pela mesma razão, tornou-se uma prática heterogênea e fragmentada, pois passou a fazer parte dos repertórios culturais de grupos como a elite cafeicultora, os nacionais pobres – com destaque para os ex-escravos – e os recém-chegados imigrantes. Sobre ele recaíram conteúdos bastante diversificados durante os anos iniciais do novo século de ares modernos.

No caso da elite cafeicultora, tal apropriação se deu em diálogo com as transformações advindas da passagem de um meio de vida rural para o urbano. O rápido crescimento da cidade de São Paulo alterara códigos e padrões de representação social, o que exigia a criação de estratégias para que a elite agrária, que se transferia para a cidade, pudesse afirmar sua *distinção*.¹ É nesse sentido que se pode compreender a forma como o futebol foi por ela recebido. Tratava-se de incorporá-lo como um dos novos elementos que compunham sua distinção social na cidade, como algo que lhes era próprio.

É nesse sentido que se pode compreender a tentativa de afirmação de antigas hierarquias por setores da elite, diante de contatos cada vez mais regulares com os populares. A cidade se modificava, mas o “passado escravista, ainda recente, palpitava nos tratos sociais e na atitude discricionária, peremptória”, diz Sevckenko (1992, p. 31). Ao analisar algumas posições da incipiente imprensa esportiva nos primeiros anos do século XX, Santos Neto revela como as “atitudes discricionárias”

1 Para Mônica Raisa Schpun, “é justamente a partir da instalação da oligarquia rural na cidade que os cidadãos são preparados para repartir o espaço da cidade de forma anônima, mas sem deixar de exibir, pelo modo de aparição pública, suas identidades sociais” (SCHPUN, 1999, p. 21).

ocorriam no futebol. Para ele, periódicos como *O Estado de S. Paulo* utilizaram sistematicamente o tom pejorativo para falar da prática esportiva pelos populares, expressando uma

política consciente para separar [...] dois universos futebolísticos. Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol”, o das elites, e o “pequeno futebol” [...] Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos *gentlemen* ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras” (SANTOS NETO, 2002, p. 53).

Os *canelas negras*, representantes do *pequeno futebol*, eram desqualificados em seus gestos quando comparados aos praticantes do *grande futebol*: os *aristocráticos sportmen*. A suposta e difundida incapacidade dos primeiros em cumprir as regras de conduta do futebol sustentava a ideia de que os últimos seriam os legítimos representantes do esporte trazido da Europa, uma vez que apenas os *seus* gestos estariam de acordo com uma alegada etiqueta, ou mesmo com as regras que o organizavam. Condutas semelhantes marcaram a chegada do futebol no Rio de Janeiro:

o primeiro número de um novo periódico lançado [na cidade] declarava solenemente que ‘o futebol é um esporte que só pode ser praticado por pessoas da mesma educação e cultivo. [Se formos] obrigados a jogar com um operário [...] a prática do esporte torna-se um suplício, um sacrifício, mas nunca uma diversão (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 63).

Vale ressaltar que a seção de esportes de *O Estado de S. Paulo* foi, durante anos, chefiada pelo jornalista Mário Cardim, um dos fundadores do Clube Atlético Paulistano. Para Cardim e outros representantes daquela elite, alegadas diferenças na gestualidade figuravam como meio de distinção entre grupos sociais, pois se tornava cada vez mais difícil manter ativas as distinções associadas à ocupação do espaço urbano. A partilha regular com os populares da Várzea do Carmo² e de outros espaços para a prática do futebol poderia causar confusão sobre os lugares sociais de cada grupo. Daí que recursos como pequenas notas na imprensa tornaram-se cada vez mais comuns para distinguir os futebolistas que dividiam o mesmo espaço de jogo: “Um ‘ground’ em polvorosa – Na várzea do Carmo, dois ‘times’ anônimos de menores desocupados se empenharam ontem às três e meia horas da tarde, num

2 Segundo notícia de *A Gazeta Esportiva*, de março de 1930, a várzea do Carmo possuía 8 campos de futebol. Sem regulação do poder público, mais interessado em aterrar a várzea, o uso do espaço era indiscriminado, o que possibilitou que o futebol fosse ali praticado pelos mais diferentes clubes da cidade.

‘*match*’ de ‘futebol’, com entusiasmo belicoso de dois cães na disputa de um osso” (NEGREIROS, 1992, p. 52). Anônimos, menores e desocupados eram os atributos a que mais recorriam os jornalistas quando se referiam ao futebol *pequeno*.

Afora o posicionamento apresentado em *O Estado de S. Paulo* nesse período, uma concreta separação espacial passou a ser empreendida por aqueles setores para evitar o indesejável compartilhamento de espaços públicos que a cidade, envolta em novos tempos, parecia possibilitar. Era preciso traduzir diferenças sociais em distâncias físicas. Quem primeiro conseguiu realizar tal *tradução*, já no ano de 1901, foi o Clube Atlético Paulistano, quando promoveu, “em conjunto com a prefeitura municipal, a transformação do Velódromo existente na cidade em campo de futebol” (SANTOS NETO, 2002, p. 49). Esse parece ter sido um dos primeiros passos rumo à separação e à especialização dos espaços de jogo da cidade com o apoio da administração municipal, que, não se pode deixar de notar, tinha entre seus membros sócios do Clube Atlético Paulistano, caso de Washington Luís, que viria a ser prefeito, e da família Prado.

É nesse contexto de progressivo abandono das várzeas³ pelos oligarcas que a noção de *futebol de várzea* começou a circular. A locução vinha para designar especificamente a prática dos times populares que continuaram a utilizar os espaços de vazão dos rios para o jogo. Embora não tenham sido encontrados documentos diretamente associados à construção de tal acepção, a alcunha de *varzeanos* para designar aqueles que moravam na várzea ou que dela usufruíam já circulava com claro conteúdo pejorativo entre os anos 1910 e 1920. Curiosamente, tais sujeitos das camadas mais pobres da população – principalmente os moradores dos bairros da Barra Funda e do Bom Retiro, na várzea do Rio Tietê – não rejeitaram a denominação associada ao seu futebol. Muito embora representasse uma série de conflitos, ela foi por eles incorporada tornando-se uma afirmação identitária corrente, prenhe de conteúdos novos já ao final dos anos 1920, a ponto de um antigo morador da Barra Funda, Sr. Alfredo Campos, assim rememorar-la: “[era] futebol de várzea, naquele tempo. Nem amador não se chamava” (MUSEU DA PESSOA).

O CLUBE ANHANGUERA: UMA EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA

O futebol praticado na várzea entre os populares já era uma realidade em janeiro de 1928, quando Saverio Russo, Bartholomeu Maggi e Ezzio Marchetti reuniram-se na alfaiataria deste último com o intuito de criar um clube para praticar o esporte.

3 Além da Várzea do Carmo, havia a Chácara Dulley e a Chácara White, ambas na várzea do Rio Tietê, no Bom Retiro. Por outro lado, além do velódromo, o futebol oficial e de elite passou a utilizar também o antigo hipódromo da cidade e o Parque Antarctica.

A ideia dos rapazes surgira após um desentendimento com o Grupo Esportivo Carlos Gomes, do qual até então faziam parte. Os diretores teriam discordado da sugestão de instalar um bar nas dependências sociais do clube, o que os levou a criar outra associação na qual pudessem usufruir de um bar *sempre abastecido*. Assim nasceu o clube Anhanguera e a rivalidade que colocaria em disputa constante os clubes irmãos da comunidade ítalo-brasileira instalada na Barra Funda.

Após a reunião de fundação, uma série de exigências se impôs aos rapazes como a obtenção da licença para o funcionamento do clube e a obtenção de espaços para estabelecer uma sede social e uma sede esportiva. Tudo indica que eles buscavam reunir elementos para caracterizar a fundação de uma *associação* esportiva, e não de uma *agremiação*. Segundo os órgãos estatais que regulavam as organizações civis para o lazer, a agremiação reunia os interessados na prática de apenas uma modalidade esportiva; já a associação, mais complexa, era organizada sob *interesses sociais*, o que lhe impunha a missão de desenvolver atividades para além dos esportes. Em verdade, as associações não eram modalidades desconhecidas entre os imigrantes advindos da península itálica. Desde o fim do século XIX, eles vinham desenvolvendo

um tecido muito denso de associações culturais, artísticas, de ajuda mútua, além das escolas. Essa rede associativa, organizada segundo as diversas origens e sensibilidades políticas, liga-se não somente a uma grande circulação de jornais em língua estrangeira, mas também a uma comunicação intercomunitária. (SCHPUN, 2007, p. 74)

Nessas entidades circulava uma pluralidade de interesses que “não necessariamente se auto-excluía e, em algumas ocasiões, se entrecruzavam no cotidiano dos trabalhadores – mantendo relações entre si e atuando de forma semelhante” (SIQUEIRA, 2002, p. 78).

Foi, pois, em meio a essa atmosfera associativa que o Anhanguera se organizou. Primeiramente, mobilizaram-se para estabelecer a sede social do clube. Algo conseguido após uma série de arranjos comerciais entre famílias que alugaram terrenos para o empreendimento e que custearam a construção do prédio que abrigaria a sede, elemento determinante para sua estabilidade e permanência no bairro. Mas, ao contrário do que se passou em relação à sua sede social, o Anhanguera possuiu, em momentos diferentes, um considerável número de endereços de campos de futebol em bairros como a Casa Verde e o Bom Retiro, além da própria Barra Funda, sem nunca se afastar da várzea do Tietê.

O arranjo de endereços para os campos também dependia das relações de vizinhança. E o fato de haver na várzea regiões sem nenhum arruamento – devido às características do terreno: alagadiço e argiloso – tornava simples a reunião de vários

campos de futebol dispostos um ao lado do outro. Esse tipo de composição, aliás, não parecia incomum na região do Rio Tietê. O Sr. Amadeu, por exemplo, rememora que quando começou a jogar futebol, no início dos anos 1920, a cidade “tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol. Barra Funda, Lapa, entre 20 e 25 campos” (depoimento do Sr. Amadeu, BOSI, 2007, p. 138). Sua descrição da paisagem varzeana e suburbana é preciosa, pois indica não apenas um tipo de ocupação e uso predominante desses terrenos, mas, sobretudo, o modo como se deu a apropriação física e simbólica do espaço da várzea por seus moradores. Tratava-se de um espaço central no processo de enraizamento dos imigrantes à cidade, pois a região central, não suburbana, lhes era hostil. Ao passo que no subúrbio, mesmo com as interferências reguladoras do poder público,⁴ havia espaço para o exercício lúdico do futebol – esporte definidor de suas identidades sociais.

ASSOCIATIVISMO E LAZER NA VÁRZEA

Desde os seus primeiros anos, o Anhanguera integrou a dinâmica dos bairros varzeanos e, além do futebol, promovia festivais teatrais similares aos organizados pelas companhias de teatro e pelos grêmios recreativos e dramáticos. A prática permitia

o uso coletivo da língua de origem [...] enobrecida por um registro diferenciado em relação à oralidade cotidiana. Além disso, os atores e atrizes dessas companhias traziam com frequência em sua bagagem uma experiência teatral prévia, obtida na Itália. Assim, eles reatam seus laços, no país de imigração, com uma prática com a qual já estavam ligados. (SCHPUN, 2007, p. 5)

Essa ligação com o teatro já é bastante reveladora da forma como as artes e os novos entretenimentos – entre os quais se incluíam também a música, a dança e o circo – circularam pelo clube e pela várzea no início da década de 1930. Eram formas de divertimento que se realizavam coletivamente, em integração com outras *sociedades*, como então se autodenominavam as associações e os grêmios. Estabelecidas no subúrbio, essas *sociedades* não integravam o que era compreendido como o território da cidade: o espaço entre o centro e seus limites urbanos, mas dialogavam com ele. Ao se apropriar de maneira ativa de linguagens como o

4 Como o Plano de Avenidas concebido em 1930 pelo engenheiro Francisco Prestes Maia, que, em contraste com o posicionamento do também engenheiro e então prefeito Anhaia Mello, criou as condições para a expansão horizontal da cidade. Esta seria reordenada a partir de modelo urbanístico inspirado num sistema radial e perimetral de avenidas, com o objetivo de descentralizar o setor comercial e de serviços e distribuir a circulação por ruas secundárias, ampliando a fluidez no tráfego (HAAG, 2010; SEVCENKO, 1992).

teatro, o futebol e até mesmo o cinema, as associações de bairro contrariavam a perspectiva sugerida por membros da elite de que ao povo cabia apenas a assistência desses gêneros de atividades e não um protagonismo. Ao mesmo tempo, rompiam com a “exclusão e a delimitação espacial que a geometria da nova São Paulo lhes impunha” (GAMA, 1998, p. 43).⁵ A partir desses elementos simbólicos, revelaram uma forma muito particular de viver a cidade contribuindo para a formação de sua cultura urbana (e suburbana).

HINOS, FLÂMULAS E BANDEIRAS: A VÁRZEA ENTRE FESTIVAIS E AMISTOSOS

No que se refere especificamente ao futebol, há que se destacar a centralidade de uma das modalidades de encontro entre as associações de bairro: os festivais. Organizados como torneios competitivos que chegavam a durar fins de semana inteiros, neles se deu a maior parte dos embates futebolísticos varzeanos. Tais festivais remetiam às festas de bairro promovidas por militantes políticos, sobretudo anarcossindicalistas. Segundo Francisco Foot Hardman, no início do século XX, além dos tradicionais festivais de propaganda anarquista, os militantes organizavam festas em cujos programas constavam atividades como a apresentação de dramas e poesias e a realização de conferências sociais e bailes.⁶ Entre 1920 e 1930, o futebol é introduzido nos programas dos *festivais-espetáculo*, em que os militantes anarquistas recorriam à produção de novos entretenimentos visando a aproximação e a organização dos trabalhadores (Cf. HARDMAN, 2002).

Os festivais mantinham, ainda, profunda ligação com as festas paroquiais promovidas pela Igreja católica como parte de seu calendário religioso⁷ e com os eventos beneficentes e de socorro mútuo. Seabra revela que nas décadas de 1910 e 1920, o *Correio Paulistano* anunciava os festivais promovidos por associações varzeanas e que muitos deles eram “organizados, vez por outra, visando cooperar, em situações adversas e urgentes da vida, com alguns associados ou com famílias” (SEABRA, 2003, p. 369) Além de possibilitar o auxílio às entidades e aos vizinhos, tais eventos representavam o momento de comemorações coletivas e cívicas, como

5 Ao falar em geometria, a autora se refere principalmente ao triângulo central e ao quadrilátero urbano da cidade nos anos 1920.

6 Segundo o programa da festa realizada, em novembro de 1902, pela Liga de Resistência entre Tecelões e Tecedeiras de São Paulo (HARDMAN, 2002).

7 Em *Urbanização e fragmentação*, Seabra descreve a forma como a Igreja, desde fins do século XVIII, organizava a vida paroquial – em muito coincidente com a vida situada no bairro – a partir de um rico calendário de atividades coletivas (SEABRA, 2003).

“aniversários dos clubes e de feriados nacionais [...] tinha festa pelos campos o ano todo” (SEABRA, 2003, p. 369). Situação que revela que heranças de natureza política e religiosa não desapareceram de todo no novo contexto esportivo.

Nos anos 1930, os festivais se relacionavam quase que exclusivamente ao futebol. Por essa razão, algumas atividades tradicionais tornaram-se coadjuvantes, embora ainda representassem um dos momentos em que crianças, mulheres e mais velhos participavam coletiva e ativamente dos divertimentos oferecidos pelos clubes.

Além dos festivais, os varzeanos contavam com outra modalidade competitiva: os *amistosos*. Seu arranjo era habitualmente realizado por *paredros* que, em geral, não integravam os clubes, mas conheciam muito bem seus diretores, assim como os bairros e os campos de futebol disponíveis. Tais saberes rendiam a esses articuladores pequenas gratificações por parte dos beneficiados com o jogo combinado e, em muitos casos, uma posição de liderança naquelas localidades.

Havia ainda outra modalidade de disputa futebolística que geralmente se desenrolava apenas entre associados de um mesmo clube: eram os famosos jogos de *casados contra solteiros*, que figuraram como importantes momentos rituais masculinos. Tudo indica que, ao final dos anos 1930, a modalidade já estava incorporada às festividades de carnaval no Anhanguera, a partir de uma divertida inversão: o jogo foi ali renomeado como *senhoras e senhoritas*. Os associados do clube contam que a preparação para o jogo era iniciada nos bares, onde bebiam enquanto se maquiavam e se vestiam de senhoras ou senhoritas. Em seguida, caminhavam pelas ruas do bairro reunindo os vizinhos para a assistência e só então se dirigiam ao campo. Ao término do jogo, o destino era, uma vez mais, os bares da região.

Essas modalidades de disputa, próprias ao cotidiano de bairro, aconteciam paralela e concomitantemente aos campeonatos futebolísticos regidos pelos tempos e modos do moderno *football association*. A APEA, que vinha organizando parte do futebol oficial paulista,⁸ já incorporara uma série de clubes varzeanos na chamada Divisão Municipal,⁹ atendendo, assim, aos anseios de jogadores e clubes interessados no circuito em curso de valorização econômica e social do esporte.¹⁰ Ela esteve longe, porém, de reunir a totalidade dos clubes, já que uma parcela significativa manteve-se à parte de sua dinâmica, caso do próprio Anhanguera, que não parece ter empreendido esforços para se oficializar.

8 E após a unificação com a Liga Amadora de Futebol, em 1929, a associação se tornaria central na ordenação do futebol profissional.

9 Organizada em: Divisão principal, 1ª Divisão, 2ª Divisão, Divisão Municipal e Campeonato do Interior.

10 Sem esquecer, evidentemente, os campeonatos promovidos pelas fábricas sob a organização da recém-fundada Liga de Esporte, Comércio e Indústria (LECI), a partir de 1933.

As razões para não integrar o circuito oficial de futebol eram inúmeras. Siqueira revela, por exemplo, que jornais anarquistas como *A Plebe* se posicionavam contra os critérios do campeonato municipal, porque contavam com “associados burgueses endinheirados a fim de dividir os clubes fracos dos fortes, de modo que os clubes nobres ficassem separados dos plebeus” (apud SIQUEIRA, 2002, p. 77). Embora essas razões não fossem as únicas para tal rejeição, elas nos ajudam a compreender por que, a despeito da força das ligas oficiais da cidade no início da década de 1930 e até mesmo da entrada da imprensa esportiva nesse universo, foram mantidas nos subúrbios modalidades como os festivais e personagens como os paredros.

A esta altura já se torna evidente que o futebol vivido na Associação Anhanguera, na Barra Funda e na várzea do Tietê não consistia em algo raro ou exclusivo. Outros bairros do subúrbio paulistano – que não eram, necessariamente, varzeanos – também integravam a mesma dinâmica. Tal é o caso de Santana, Tremembé e demais bairros localizados na região norte da cidade. Mas a complexidade do futebol varzeano e suburbano não se encerra nos limites de São Paulo, pois os clubes circulavam até mesmo por outras cidades. As excursões para a realização de amistosos com clubes do interior e do litoral eram parte fundamental de seu repertório. Iniciadas a partir de contatos entre familiares de associados que nelas viviam, essas ligações indicam uma maneira específica de lidar com o espaço urbano. As lembranças de um dos ex-presidentes do Anhanguera, o Sr. Salathiel da Silva, oferecem pistas para compreender essa trama: “quando fui para o Anhanguera, [...] consegui fazer uma excursão até a Praia Grande. Emprestamos um trem da São Paulo Railway na época, ida e volta. Com ônibus esperando para irmos à praia de Santos”.¹¹ Salathiel era funcionário da Ferrovia Sorocabana quando foi integrado ao Anhanguera, em 1937, evidenciando a ligação de funcionários das ferrovias com a dinâmica das excursões.

Parecia corrente a prática do uso privativo dos trens para viagens nos fins de semana, sendo o litoral paulista seu destino mais comum. Sobre essa preferência, há que se considerar as facilidades relacionadas aos itinerários das ferrovias Sorocabana e São Paulo Railway, bem como os apelos da paisagem marítima. Os artifícios de Salathiel eram semelhantes ao que o associado Oswaldo Tirone utilizaria anos depois. O funcionário da antiga fábrica Brasilata dispunha do caminhão da empresa aos fins de semana e o utilizava para a locomoção do time e da torcida do Anhanguera para seus jogos, o que não parecia incomum na região a partir de meados dos anos 1930. O crescimento e a diversificação da economia demandavam veículos de grande porte e motoristas que conhecessem a cidade. O futebol

11 Entrevista com o Sr. Salathiel Fernandes da Silva, realizada em 19 de julho de 2011.

demandava o mesmo. Caminhões e motoristas eram então colocados a serviço do futebol aos fins de semana: “De fim de semana era caminhão pra todo lado com bandeiras, flâmulas, hinos. Cada clube tinha o seu hino e isso era um exercício político e que vinha lá do fundo porque vinha da vontade de organização das pessoas” (SEABRA, 2003, p. 364).

A independência em relação aos meios de transporte coletivo para usufruir dos tempos do esporte – que coincidiam com o tempo livre, do não trabalho – é elemento essencial para compreender a circulação varzeana. Não se pode esquecer que tais serviços estavam concentrados na região central da cidade, sendo pouco disponíveis no subúrbio, como rememora outro associado do Anhanguera:

Condução não existia naquela época. Era o bonde. Quando o bonde vinha da Casa Verde ele nem parava aqui de tão cheio que vinha. Era bonde aberto e vinha dos dois lados cheio. O motorneiro já pegava e fazia “bim, bim, bim”, fazia tchau e ia embora. Ou então falava: “pega o de trás”.¹²

Por essa razão, as andanças coletivas dos futebolistas e de suas torcidas dentro e fora da cidade eram experiências que transcendiam a vida ordinária, estando mais próximas da “vida aventureira de maneira semelhante à criação nas obras de arte”.¹³ A dimensão criativa de tais andanças se revela, primeiramente, na inversão do uso habitual desses meios de transporte. Passava-se de um uso ligado ao *patrão* e ao tempo do trabalho para outro relacionado ao tempo livre e à *diversão*, vividos coletivamente pela comunidade. Essa criatividade também se revela na forma como as associações esportivas e seus associados se apresentavam aos bairros e à cidade. Um rico repertório material e simbólico, construído em diálogo com as múltiplas e difusas referências culturais que a cidade oferecia, foi colocado em funcionamento com o surgimento dos clubes varzeanos e acentuado no início dos anos 1930 com as campanhas da imprensa, sobretudo de *A Gazeta Esportiva*.

No caso do Anhanguera, seu distintivo fora decidido já em seu primeiro ano de funcionamento, a partir do desenho de um associado e da rápida aprovação geral da assembleia, pois ele deveria constar nos estatutos a serem registrados.¹⁴

12 Entrevista com o Sr. José Carlos Bertolozzi, realizada em 24 de abril de 2010.

13 A noção é mobilizada por Bernardo Buarque de Hollanda para compreender as caravanas de torcidas organizadas ao final dos anos 1970. Em consonância com Georg Simmel, Hollanda define aventura como “uma vivência que se desprende do contexto e da totalidade do fluxo vital. Suspensa dele, o afastamento de determinados conteúdos de encadeamento e dos círculos homogêneos da vida proporciona a sensação de uma posição à margem do continuum da existência” (HOLLANDA, 2009, p. 409).

14 Atas da Associação Atlético Anhanguera, 5 nov. 1928.



Figura 1 – Emblema da Associação Atlética Anhanguera, s.d. (Fonte: Acervo do clube)

De seu hino, entretanto, resta apenas o primeiro fragmento e não há vestígios de autoria: “Dizem que o preto é luto. Vermelho é guerra [...] Associação Atlética Anhanguera: ainda hoje é tradição”.¹⁵ É interessante notar que sua estrofe inicial não menciona o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, cuja alcunha, de origem guarani, nomeia o clube. Ela traz apenas a referência às cores preta e vermelha escolhidas para representar o clube. Embora existisse para ser reconhecido auditivamente, o hino é iniciado com uma referência às cores de batismo, tomadas, metonimicamente, como a própria associação. Isso revela sua força simbólica ao definir, segundo Franco Júnior, “a identidade comunitária para si mesma”, (2007, p. 217) mas também ilustra sua função *operativa* na dinâmica cotidiana entre clubes, por mostrar uma “imagem [construída] para as outras comunidades” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 218). As cores eram parte do repertório de códigos e símbolos das associações dos bairros. Siqueira informa, por exemplo, que,

embora não restringisse o quadro de associados aos gráficos, a Associação Gráfica de Desportos frisava a identidade em torno da categoria através de seu nome e de seus símbolos: as cores do Pavilhão Social serão azul e branco, e assim dispostas: o pavilhão propriamente dito será inteiramente azul, tendo ao centro um escudo branco com uma faixa azul em diagonal, encimada por um círculo com as iniciais A. G. D. em vermelho e em baixo e distintivo das arte gráficas. (SIQUEIRA, 2005, p. 78)

Outros elementos constavam no repertório material do clube Anhanguera, tais como as bandeiras, as taças, os troféus, as medalhas e os uniformes. Os últimos, chamados à época de fardamentos, merecem destaque, pois foram objeto de constante registro pela associação, algo facilmente compreensível. Afora toda a simbologia em torno da camisa, deve-se levar em conta que, nas andanças do

15 Primeira parte do hino da Associação Atlética Anhanguera, de autoria e período desconhecidos. Disponível em: <<http://anhanguera.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 20 set. 2012.

clube em cima dos caminhões ou em meio a dezenas de campos e partidas concomitantemente disputadas, eram as camisas que permitiam a distinção entre os clubes. Naquele período, as partidas nos bairros reuniam centenas ou milhares de pessoas e, diante das multidões, parecia necessário marcar visualmente o espaço ocupado pelas associações com os objetos portados por seus representantes. Assim, tal como se passava em relação às novas bandeiras – rebatizadas em pomposas festas compartilhadas com outras associações do bairro –, a renovação dos fardamentos era um momento importante na associação. Tratava-se tanto de evidenciar a possibilidade de abastecer o clube com novas camisas, quanto de revelar sua capacidade de inovação ao criar novos padrões a partir das mesmas cores. Os fardamentos não eram menos importantes para os integrantes dos clubes. No caso do Anhanguera, o mesmo Oswaldo Tirone deixou vestígios da importância que os fardamentos tinham em seu cotidiano:

na década de [19]20, o meu avô com alguns outros moleques fundaram um time que inclusive nasceu antes do Anhanguera, nasceu em [19]27: o *Flor do Bosque*. Era um time só de molecada e durou. O uniforme do *Flor do Bosque* [...] foi feito com saco de farinha.¹⁶

As lembranças em torno das camisas do time de meninos condensam elementos de uma identidade que deita raízes não apenas na vida de bairro, mas na superação de condições adversas a partir, uma vez mais, de soluções *caseiras*. Essa delicada trama entre representações identitárias coletivas e individuais, tecida pelos associados em diálogo com o repertório material e simbólico¹⁷ do clube, explica a convergência em torno da vida associativa, da qual derivava a energia com que diretores e associados defendiam os interesses do Anhanguera. Essa trama identitária respondia pelo cotidiano *entre* clubes, o que, no específico terreno das partidas futebolísticas, só pode ser compreendido a partir das disputas ocorridas nos campos, invariavelmente terminadas em discussões ou confrontos físicos.

OS QUE HOJE SÃO PROMESSAS, AMANHÃ SERÃO CAMPEÕES

Entre festivais e amistosos, os clubes de bairro se multiplicaram rapidamente e promoveram a organização e a participação dos sócios em esferas coletivas para além dos tempos e modos das ligas oficiais de futebol amador. Isso perdurou até o momento em que a várzea deixou de ser um espaço que articulava os bairros em

16 Entrevista com Arthur Tirone, realizada em 26 de junho de 2011.

17 Ou totêmico, na medida em que representam “um identificador de pertencimento à comunidade e de cimentador dessa identidade coletiva” (FRANCO JUNIOR, 2007, p. 220).

torno do esporte e passou a ser objeto de disputa entre as associações esportivas e o capital de fábricas e indústrias que nela começaram a se instalar já ao final dos anos 1920. Paralelamente a esse tipo de apropriação do espaço urbano, a elite deixava suas fazendas para

se instalar em São Paulo precisamente nesse momento de transformações, sem deixar de praticar a política bem definida de ocupação da cidade, criando não somente locais reservados – como os bairros residenciais e os lugares dedicados ao exercício da sociabilidade (clubes ou salões de baile) mas também de circuitos diferenciados de ocupação e de frequência dos espaços públicos. [...] Tratava-se de provê-la de todos os equipamentos, de lazer ou outros, que permitam aos membros do grupo dominante reconhecerem-se e orgulharem-se de sua obra. (SCHPUN, 1999, p. 18-19)

A forma como clubes como o Paulistano e o Anhanguera ocuparam a cidade colocou-os em lados opostos. Os clubes de elite rapidamente se estabeleceram no centro, já concentrado e supervalorizado ao final dos anos 1920, enquanto os de bairro ocuparam as várzeas dos rios Tietê e Pinheiros, espraiando-se em suas andanças para outras regiões suburbanas e até mesmo para o interior do Estado de São Paulo. O que revela também as contiguidades entre vida *interiorana* e vida *suburbana* e certo descompasso com o que se passa no *centro* (MARTINS, 2008).¹⁸ Tal descompasso criava a sensação de que São Paulo vivia sob *múltiplas temporalidades*. Na *várzea*, isso parecia ainda mais agudo, considerando-se a concentração de comunidades imigrantes que mantinham contatos variados com suas culturas de origem, em coexistência com negros e uns poucos caipiras, bem como com seus cortiços, chácaras e sítios, entre outros elementos. Essa situação estava na origem do surgimento de uma *cultura transformada*. É o que sugerem, por exemplo, as tensões vividas cotidianamente pelo Anhanguera e por outras associações de características semelhantes. Embora não caminhasse *pari passu* com as demandas do universo oficial, o clube não deixou de integrar a *febre futebolística* que tomava conta da cidade, vivendo-a sob práticas e sentidos muito próprios que rapidamente começaram a circular pelo futebol oficial, tanto porque alguns clubes e seus jogadores dele tomaram parte, quanto porque a imprensa cumpriu um papel de difusão desse universo.

Ao final dos anos 1920, quando a experiência varzeana tornou-se incontornável, a imprensa esportiva, agora liderada por *A Gazeta Esportiva*,¹⁹ mudava o tratamento dispensado à *várzea*. Ela assumia um posicionamento diferenciado em

18 Ainda para o autor, “o subúrbio é o lugar em que o passado rural de algum modo sobrevive no urbano” (2008, p. 48).

19 Criado em 1928, o periódico entrou no mercado editorial como um caderno esportivo semanal de *A Gazeta*. Já em suas primeiras edições, o jornal trazia páginas inteiras dedicadas ao futebol de *várzea*.

relação aos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*, com os quais passou a concorrer oferecendo um contraponto à tradicional perspectiva da elite agrária. O novo periódico criara um espaço até então inédito para os clubes populares deixando claro que os compreendia como os representantes de um legítimo futebol *popular e amador*. Já em seus momentos iniciais havia uma seção inteiramente a eles dedicada que ocupava duas páginas do suplemento esportivo sob o seguinte título: *Nas várzeas e nos subúrbios, os que hoje são promessas, amanhã se tornarão campeões*. Além disso, ela esteve à frente das inúmeras tentativas de criar uma liga esportiva *varzeana*, num claro movimento de valorização desse futebol.

Com a profissionalização do esporte, a partir dos anos 1930, novos elementos são acrescentados ao discurso sobre a experiência varzeana que recebe nova alcunha: *celeiro de craques*. Tratava-se de organizar o campo esportivo a partir da valorização do futebol profissional e do novo amadorismo representado pelos clubes populares varzeanos em detrimento do amadorismo aristocrático, tão bem representado pelo Clube Atlético Paulistano. Para tanto, o Anhanguera e outros clubes varzeanos eram identificados em *A Gazeta* pelos valorosos traços de seus associados: a abnegação em face das restrições materiais, a lisura e a amizade com que se relacionavam com as demais agremiações. Em síntese, os clubes eram apresentados por meio de valores que afirmavam laços de reciprocidade e solidariedade. Valores bastante comuns entre as agremiações varzeanas. A recorrência com que elementos de sentidos tão vigorosos como os enumerados apareciam nos discursos sobre a várzea revela sua importância na construção de um *sentido* para as histórias das agremiações e pareciam ser a base do *amadorismo* que *A Gazeta Esportiva* procurava promover.

Assim, ao entrar em contato com a especificidade desse complexo universo, nota-se que o futebol praticado pelos populares nas várzeas de São Paulo não foi ‘menor’ ou apenas complementar ao futebol oficial, como suas alcunhas queriam fazer crer. Ao contrário, foi experiência tão rica e significativa que deixou de designar pejorativamente pessoas e espaços para nomear uma forma de se relacionar com o futebol. Nascida nos bairros suburbanos de São Paulo, essa forma não só permaneceu, a despeito da perda da várzea como um espaço livre, como se fortaleceu ao espalhar-se por novos lugares da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 65.

- GAMA, Lúcia. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo (1940-1950)*. São Paulo: Ed. Senac, 1998.
- HAAG, Carlos. *A cidade dos engenheiros. Pesquisa FAPESP*, São Paulo, n. 178, dez. 2010.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.
- MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens do eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- MUSEU DA PESSOA. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/_index.php/historia/5284-historia-de-vida?historia=integra>. Acesso em: 11 jan. 2013.
- NEGREIROS, Plínio. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.
- SANTOS NETO, José Moraes. *Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Senac/Boitempo, 1999.
- _____. *Italianos e italianas em São Paulo no início do século XX*. Experiências de imigrantes, práticas urbanas e códigos sexuados. In: ArtCultura, dossiê Relações de gênero e arte. Universidade Federal de Uberlândia, 14, p. 71-81, 2007.
- SEABRA, Odete Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*. Tese (Livre-docência em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIQUEIRA, Uassyr de. *Clubes e sociedades dos trabalhadores do Bom Retiro: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924)*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- _____. Entre maxixes, peladas e palavras de ordem: associações dos trabalhadores paulistanos durante a Primeira República. *Revista Esboços*. Florianópolis, n. 14, p. 75-86. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/169>>. Acesso em: 03 de março de 2012.

Recebido em 30.09.2013

Aceito em 25.11.2013